

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



# 37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Prouença

**UM MARIDO IDEAL**  
(Lisboa, Portugal)

**O criado**

De **Robin Maugham**  
Adaptação e encenação de **André Murraças**

**Incrível Almadense**

**Salão de Festas** (Almada)

Sáb. **25** e Dom. **26** (sessões às 15h, 18h e 21h30)

Duração: 1h

Classificação etária: M/12

## FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

### ENCENAÇÃO, REALIZAÇÃO, ADAPTAÇÃO DO TEXTO E CENOGRAFIA

André Murraças

### VÍDEO

Miguel Leitão

### INTERPRETAÇÃO

André Murraças

(em palco)

Anabela Brígida

André Patrício

Vanda Cerejo

Henrique de Carvalho

Isabel Milhanas Machado

Nuno Gonçalo Rodrigues

(em vídeo)

### PRODUÇÃO

Um Marido Ideal

## UM LIVRO, UM FILME, UMA PEÇA OU UM ROLE PLAY?

Este espectáculo é sobre lutas. A luta entre o criado que entra na casa e aos poucos troca de papel com o dono da mansão. Ao mesmo tempo é sobre a luta desse desgovernado lorde para se manter no cimo perante uma fortíssima atracção pelo abismo. É sobre a luta do autor em escrever a novela que queria e como queria, com todas as denúncias sociais e políticas, com sexualidades nebulosas, mas uma luta perdida pois o texto original foi escrito em 1948, publicado apenas em 1954 e adaptado ao cinema quase sem pudor por Loosey/Pinter em 1963. É também a luta do actor Dirk Bogarde, que viria a ser o protagonista do filme e que com essa escolha continuaria um caminho com escolhas pessoais que tiveram consequências brutais para a sua carreira, mas mantendo sempre a sua integridade. Finalmente, é uma luta pessoal pegar numa novela, num guião de um filme e numa vida, e transformá-los num espectáculo de teatro que me (nos) dissesse alguma coisa. Este criado continua actual. Continuamos a lutar todos os dias.

Conheci *O criado* através do filme. Era adolescente e o filme impressionou-me pela sua maldade. (Quem era o mau aqui?) Lembro-me que retive não só a decadência das personagens mas a maneira como era filmada, com planos que na altura me mostraram que havia outra maneira de dizer as coisas. O criado que se olha num espelho côncavo, as escadas que pareciam flores trepadeiras, luzes que iluminavam vindas de baixo e demais ângulos num carregado preto e branco marcaram-me a memória. Só anos mais tarde, quando pensei adaptar o filme, descobri o livro. E o livro é ainda pior. Ou melhor, ainda melhor. Curto, com a descrição suficiente para se imaginar o resto, relata a história de forma contida, o que se torna inquietante. Queremos saber mais. Tudo.

Falemos então desta história de um homem chantageado pelo próprio criado. Dentro de um apartamento, a relação de poder entre criado e senhor é questionada e torcida, invertida, sendo neste espectáculo reduzida a acções. E as acções vão dizer mais do que as palavras. E é aqui que o teatro terá algo a dizer. Pedi a um grupo de amigos actores que fossem meus patrões (ou será o oposto?), donos da cena com o texto que eles lêem, e que me deixassem ser o seu servo. No final logo se vê quem ganha. Com o teatro conseguimos sublinhar a artificialidade dos papéis sociais, a teatralidade da sua representação, e aflorar a submissão, a frustração sexual, as classes, o desejo e o dinheiro num jogo *upstairs/downstairs* virado do avesso, onde o cinema se torna real e somos todos actores e espectadores. *Voyeurs* de nós mesmos. Quem manda nisto tudo?

**André Murraças**